

Apresentação: De uma generosidade primeira

Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto

Como citar: GIROTTO, C. G. G. S. De uma generosidade primeira *In* : CABRAL, G. A. C. **A arquitetura do ato de ilustrar de Rui de Oliveira: contribuições dos livros de imagem para a formação do pequeno leitor literário** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p.19-26. DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-314-4.p19-26>



APRESENTAÇÃO

De uma generosidade primeira

Em momentos diferentes, mas próximos, e em outros juntas, Gisele e eu, vivemos uma experiência única de poder contar com a generosidade do mestre da atividade litero-visual. Foi um período de aproximações, até o contato mais direto com Rui de Oliveira. A contribuição amiga daquela que se tornaria a fada madrinha de Gisele, a sempre afável professora Regina, foi imprescindível para os primeiros contatos e trocas de mensagens. Escrever para o grande mestre era um desafio, pois como apreciaríamos, Gisele e eu, o seu aceite, para que ele, o notável mago dos traços e das cores, pudesse verdadeiramente permitir-se ao encontro dialógico de pesquisa da, então mestranda, ansiosa por uma resposta positiva. De carta-convite produzida, inicialmente por mim (em anexo), deu-se as primeiras trocas. Almejávamos conhecer diretamente o notável ilustrador e pesquisador De Oliveira.

O projeto ‘A arquitetônica do ato de ilustrar de Rui de Oliveira’ representava sonho acalentado a muito; e colocá-lo em prática era realizar o desejo de estudar com um grande pesquisador, professor, artista e suas lições. Mas o que encontramos, logo de início, excedeu a tudo o que se pode pensar em termos acadêmicos. De fato, tudo quanto escrevemos na carta-convite a Rui, foi pouco. Notadamente porque, Gisele e eu, fomos muito acolhidas para além das fronteiras da atividade de estudo e pesquisa.

A humanidade expressa, em seu e-mail-resposta foi surpreendente. Na condição de provincianas do interior do oeste paulista, balbuciantes na linguagem visual de grandes ilustradores,

presenciamos relatos, explicações, depoimentos, aulas, reflexões, descrições analíticas, argumentações afetivo-volitivas inesquecíveis.

As lições à mesa do escritório de Rui eram grandiosas, era assim que nos sentimos, em puro êxtase intelectual. Ele, no cuidado até com suas plantinhas cuidadosamente aninhadas para o nosso visual de trabalho, permitia-nos adentrar sua privacidade. Ainda que virtualmente (era tempo pandêmico, quando os encontros se efetivaram) não se perdeu a vivacidade e a escuta cuidadosa que aguardávamos, se à maneira presencial pudesse ter ocorrido.

Mais do que privilégio, foi o que obtivemos. Em todas as ocasiões em que pudemos viver esses encontros, e em alguns poucos dos quais não pude participar, (e Gisele pode confirmar), uma marca especial se destacava e sobressai: o amor à arte visual. Além disso, o amor a distribuir e partilhar saberes e fazeres. Parecia Rui possuir bolsa, malas cheinhas de conhecimentos; claro estava: genuinamente arcas que continham o tesouro das proposituras e materializações de suas obras. Quase um filósofo da ilustração, Rui instigava e inspirava a que buscássemos todos os outros implícitos em sua arte. Quanta cultura acumulada, quanta cultura partilhada! Aprendemos a reler Rui de Oliveira em e por meio de sua própria leitura de suas belas ilustrações, tudo ao mesmo tempo, em palavras litero-visuais em renovação constante.

De cada encontro com o menestrel da ilustração saíamos multiplicadas de vozes, a grande maioria inéditas a nós, contendo enunciados visualmente transformadores. Muitos, muitos dos enunciados visuais, em alteridade, compunham a dança imagética. Não sem razão podemos dizer que expressões do conjunto da obra de Rui de Oliveira representam verdadeiras portas através das quais conseguimos vislumbrar possibilidades outras de viver.

À época, especificamente no dia 16.08.2019, escrevi ao Rui dizendo:

A ideia de que a ilustração cria ‘portas’... é fascinante, aprendi com você a concebê-las como verdadeiras passagens secretas para que as pessoas tenham as suas próprias e particulares visões. Quer seja na condição de leitora, professora ou pesquisadora, as abordagens por você materializadas em muitos traços e figurações (que parecem ter vida ao emanar cores, odores e sabores) ... são de uma boniteza sem igual. Enredam, transmutam, elevam... o pequeno, ou o não tão ‘grande’, aprendiz de leitor a uma dimensão impensada e inigualável.

A estética e a ética da arquitetura do seu ato de criar, de seu ato célebre de ilustrar, desse domínio humano por você tão lindamente subjetivado e de um modo assim ...tão ... tão Rui de Oliveira... (não nos conhecemos pessoalmente, todavia é como se já... há muito... Rui fizesse parte de nossas vidas íntimas, porque o Rui de Oliveira que emerge de suas criações, permite-nos uma total conexão ... uma quase sinergia) revela notadamente um dos mais fecundos criadores de nossa história da literatura infantil, parece-nos justamente porque sempre traz a ilustração para patamar outro, valora a ilustração como gênero de literatura.

Fruto de evento da Abralic em meados de 2018, na UNB, em Brasília, Regina e eu, conversamos sobre Rui, eu cá de Marília, e ela, lá do Rio, e, na sequência, eu e Gisele (que alteraria radicalmente todo seu projeto de mestrado), combinamos de que ela faria novas travessias... _ as quais ela não se furtou ao compromisso e desafio. Honrou dignamente cada passo de sua travessia. Naquela tarde, no ‘Mundinho da Leitura’ (nosso espaço de pesquisa com as crianças, grupos, aulas; uma sala de leitura ambientada para e com a infância literária, em alegria rodopiante de muitos e muitos livros ilustrados) em atividade do PROLEAO (Grupo de Pesquisa _ Processos de leitura e escrita: apropriação e objetivação) não houve dúvidas: uma pesquisa se forjaria, uma pesquisadora já

despontava; uma estudiosa emergia e uma autora sobre a arte de ilustrar _ no cronotopo acadêmico e na memória de futuro científica, à luz bakhtiniana _ se antecipava em seus primeiros passos.

De uma generosidade segunda

Gisele de Assis Carvalho Cabral, a nossa querida Gi, a autora deste livro acalentado com todo carinho, como uma semente preciosa, no jardim secreto, só nosso, repleta de entusiasmo com seus estudos, traduz agora, em relevantes e aprofundadas reflexões, sua dissertação de Mestrado no formato de um livro. Uma obra que envolve a formação do pequeno leitor, a educação para com a linguagem visual, a ilustração, bem como um aporte para um repensar da educação do olhar de nossas crianças, com uma análise precisa das relações implícitas à arquitetura da arte de ilustrar de Rui de Oliveira, que aponta diretrizes outras a possíveis meios de promover, na escola da infância, vivências estético-literárias com o gênero livro ilustrado _ muito recentemente feito objeto das ciências humanas, mas ainda tão pouco conhecido e apreciado no espaço educativo, que tanto prescinde de renovação, quando a temática são os livros de literatura infantil e sua oferta, circulação e condições efetivas de mediação.

Da grande generosidade advinda de Rui, Gi, agora, retribui essa generosidade primeira, distribuindo igualmente seus enunciados encharcados de enunciados-Rui. E não só, seu livro nos presenteia com reflexões de uma estudiosa que produziu uma síntese ímpar das questões postas pelas categorias livros – ilustração – crianças leitoras – educação literária, recolhendo o sentido mais profundo nas camadas mais densas do estudo da arte de ilustrar com os estudos bakhtinianos e sua filosofia da linguagem. Um estudo embebido de ineditismo e com ele aponta de modo simples e carinhoso para questões relativas à escola; aos direitos das

crianças; à infância ‘literarizante’; ao pequeno leitor, aprendiz de sua capacidade e atitude leitoras em constituição; bem como para grandes problemas como uma sociedade massificada pela cultura de massa; pelas imagens fugazes e hipnotizantes; por uma produção da visualidade empobrecida e a serviço do capital; da comunicação do consumo desenfreado e perverso, cooptador, desde a pequena criança, de vidas achatadas por uma ideologia oficial. Via de reducionismos da multiplicidade das linguagens e do humanismo da alteridade; tentativa desumana de apagamento das gentes, desde as gentes pequenas, no entendimento, na compreensão das linguagens visuais, sobretudo dos traços e das cores. Os apontamentos de Gi são quase aulas de Rui, são síntese do movimento dialógico e dialético de compreensão da arte de ilustrar. Aulas magistralmente traduzidas em páginas cuidadosamente produzidas, argumentações explicativas para muitos interlocutores, possíveis pesquisadores e educadores da infância que com Gi queiram e se proponham a conhecer e desvendar a ilustração e os livros ilustrados.

Portanto, da escuta do grande mestre Rui multiplicam-se as possibilidades de generosidade.

De uma generosidade multiplicável e inacabável

Estamos saindo (ou retornando em luta diária) do período (pós)pandêmico. Vidas foram ceifadas. Homens, mulheres, idosos, jovens, crianças..., de forma inenarrável, partiram. Segundo os últimos dados do Conselho Nacional dos Secretários de Saúde (CONASS), o país agora possui 31.195.118 casos confirmados e 667.041 mortes pela Covid-19. Honremos cada uma dessas existências e das sequelas e perdas de ordens diversas que acometem milhões de brasileiros. Comprometer-se a resgatar infâncias e crianças, pela literatura, é também honrar a vida e as perdas!

Do isolamento social, muitas crianças encontram-se com reservas profundas de inserção no mundo da cultura letrada, bem sabemos. Se o universo da literatura infantil, do livro ilustrado sobretudo, foi companhia amorosa nos tempos difíceis e incertos vividos e, ainda, por viver, o foram apenas e tão somente para poucos. Como em um exílio, estávamos distanciados do cotidiano rotineiro de nossas vidas, mas, à época e ainda agora as palavras pintadas por Rui representaram vida. Representam uma voz presentificada no preciosismo gráfico, que como ‘cartas endereçadas a ele mesmo’, são ‘privilégio e compromisso com o imaginário infantil.’ Uma voz presente que nos mobiliza contra o apagamento identitário, que nos dizia, com seu tom firme, polifônico, transcendente da criação em alteridade: é preciso outra perspectiva formativa para transformar o mundo.

Gisele, ao desvelar aos seus potenciais leitores, a voz potente de Rui, os coloca na posição de aprendizes de uma generosidade multiplicável e inacabável. Convoca à escuta do grande mestre e seus ensinamentos, que por meio do ato responsivo e responsável de um Tu_eu, Eu_tu; Rui_Gi e Gi_Rui, pode revolucionar modos de pensar, agir e sentir no processo de humanização literária de nossas crianças.

Para Rui_Gi, Gi_Rui aprender a ler o livro ilustrado é aprender a fazer sucessivas aproximações e negociações de sentidos, atribuindo um sentido possível em dado momento. É a refração de camadas reveladoras da criação artística comprometida com a infância, pois que o ato estético na ilustração se torna incompatível quando não considera o humano, o período e estado de vida para quem está ilustrando.

Talvez a mais poderosa vacina, o mais vigoroso ‘anticorpo’ para enfrentar a massificação e a banalidade das imagens, que são apresentadas às crianças, sejam mesmo as vivências visuais genuínas, já afirmara Rui.

Então, lembremos, caro leitor: o significativo contato com as artes visuais, possibilitado aos pequenos diariamente é ameaçado. O

primeiro encontro, infeliz e invariavelmente, será feito por meio de imagens vulgares e colonizadas. Num país como o nosso, com grandes desníveis sociais e profundas carências, onde toda a dominação cultural é precedida sempre por uma dominação econômica, como tanto nos esclarece a abordagem freireana, é também expressa e defendida em imagens e livros, como nos adverte Rui de Oliveira.

Todo cuidado é pouco! Formação, preparo, planejamento, escolhas assertivas de livros ilustrados e meios adequados de mediação cultural, de leitura em leituras, parece ser um caminho inspirado pela obra aqui apresentada. Trata-se de um caminho para a generosidade, urgente e necessária, de formar e educar o olhar de muitas de nossas crianças pelos diferentes brasis. Afinal, como nos diz Rui, 'ler de forma consciente e participativa a palavra e a imagem constitui, acima de tudo, um ato de resistência cultural e social!'. Desde este ponto de vista, podemos dizer com o mestre: criar situações promotoras de aprendizagem do ato de ler de forma consciente e participativa a palavra e a imagem constitui, igualmente, um ato de resistência cultural e social. Resistamos, agora e sempre! Que assim possa ser!

Boa leitura!

Por *Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto*

Marília (SP) 07 de junho de 2022.

